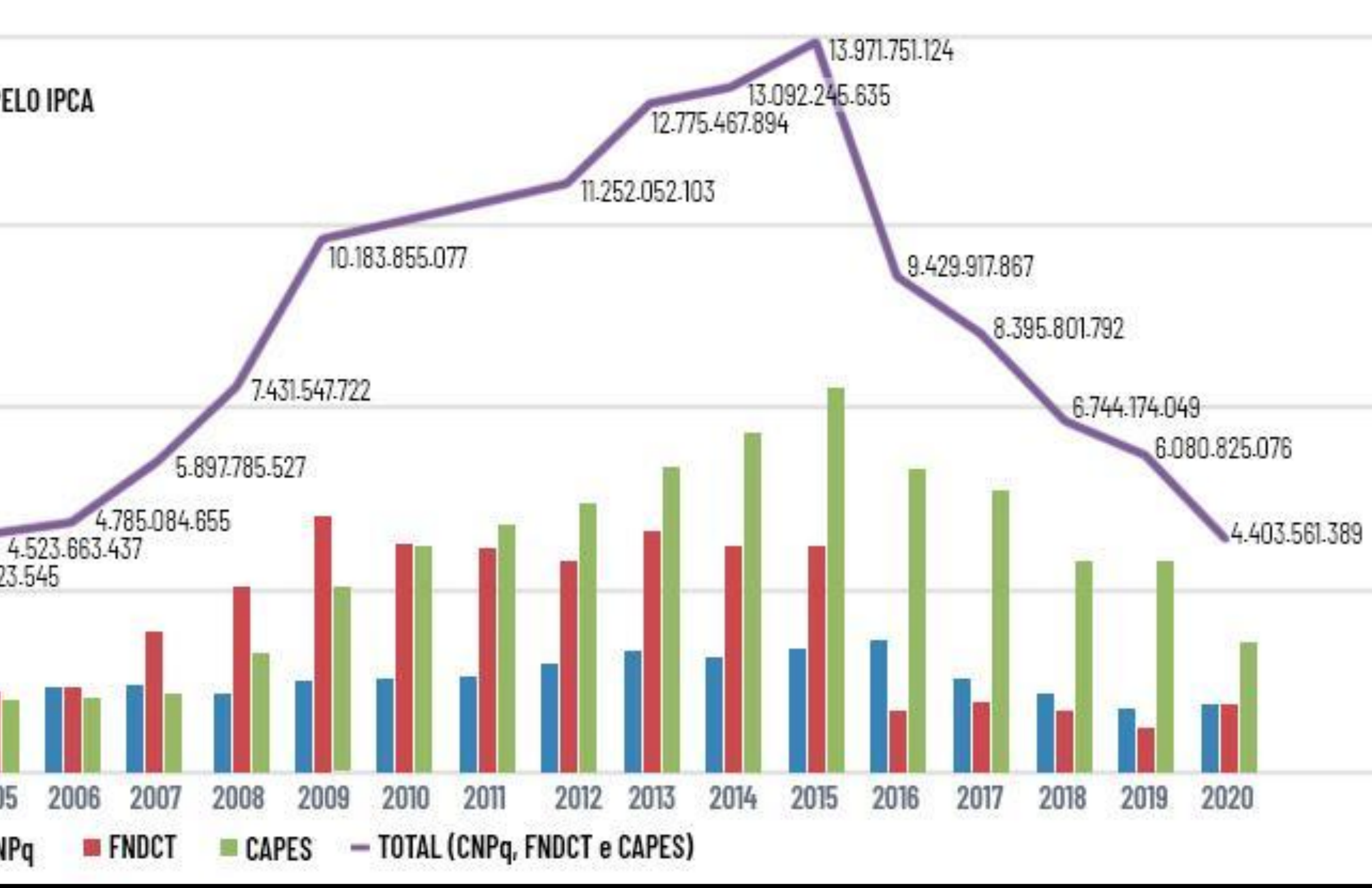
Fundamentos *existenciais* da **Pesquisa em Design**

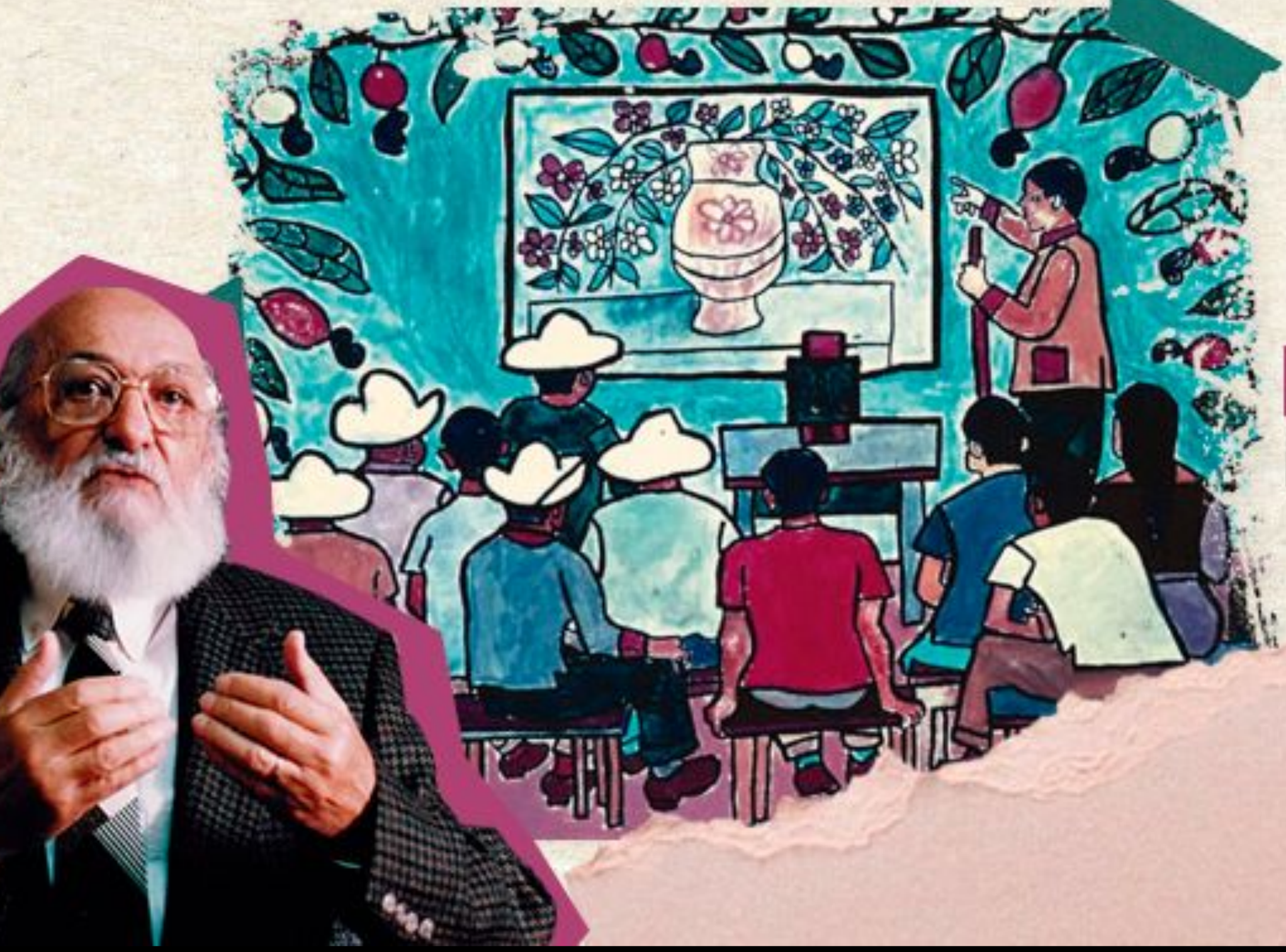
Frederick van Amstel @usabilidoido
Design de Serviços e Design de Experiências
DADIN - UTFPR, Brasil
www.usabilidoido.com.br



Sou um trabalhador científico localizado num país subdesenvolvido que não dá prioridade à ciência para o seu desenvolvimento.

A minha condição existencial é o ponto de partida para as minhas questões e projetos de investigação.

Quais são os objetivos das ciências do design? Quem se interessa por essas ciências? O que pode ser feito com o conhecimento produzido por essas ciências?



100 ANOS
PAULO FREIRE

As pesquisas sobre opressão realizadas por Paulo Freire e outros tornou a Educação e a pesquisa nas ciências sociais mais conscientes das desigualdades estruturais da América Latina.

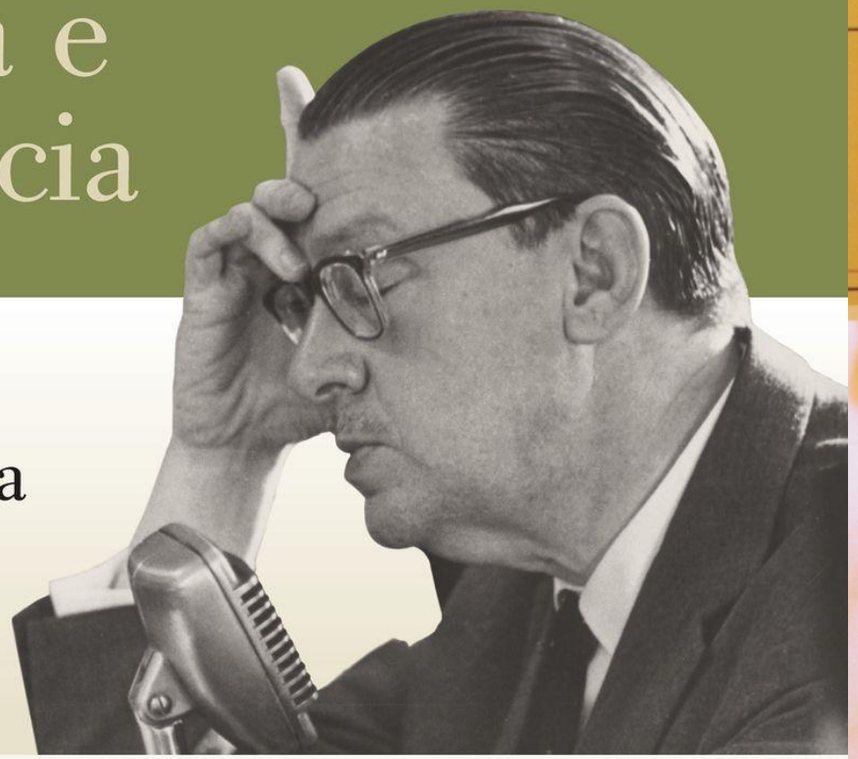
Por outro lado, a pesquisa sobre raça, gênero e cultura foi utilizada para justificar a opressão de grupos sociais considerados inferiores (A Redenção de Cam, 1895).

Como a ciência pode ser projetada contra a opressão e a favor da libertação?

Álvaro Vieira Pinto

Ciência e existência

Problemas filosóficos da pesquisa científica



CONTRAPONTO

O Conceito de Tecnologia

VOLUME I

CONTRAPONTO

O filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) escreveu sobre as relações existenciais entre ciência e design.

Para ele, o mundo em que vivemos é produzido socialmente por nossas mãos. Não temos contato imediato com a natureza, mas sim através de mediações.

Para produzir nossa existência e continuar existindo, precisamos dominar as mediações entre nossa consciência e nosso mundo: linguagem, técnica, ferramentas, design e muitas outras.

Vieira Pinto define a ciência como autoconsciência máxima possível em cada cultura humana. Assim, ele reconhece que há uma forma de ciência em todas as culturas, embora com outros nomes.

A autoconsciência expande o domínio das mediações empregadas pelo trabalho para transformar o mundo. Por sua vez, a transformação do mundo cria novas possibilidades de consciência.

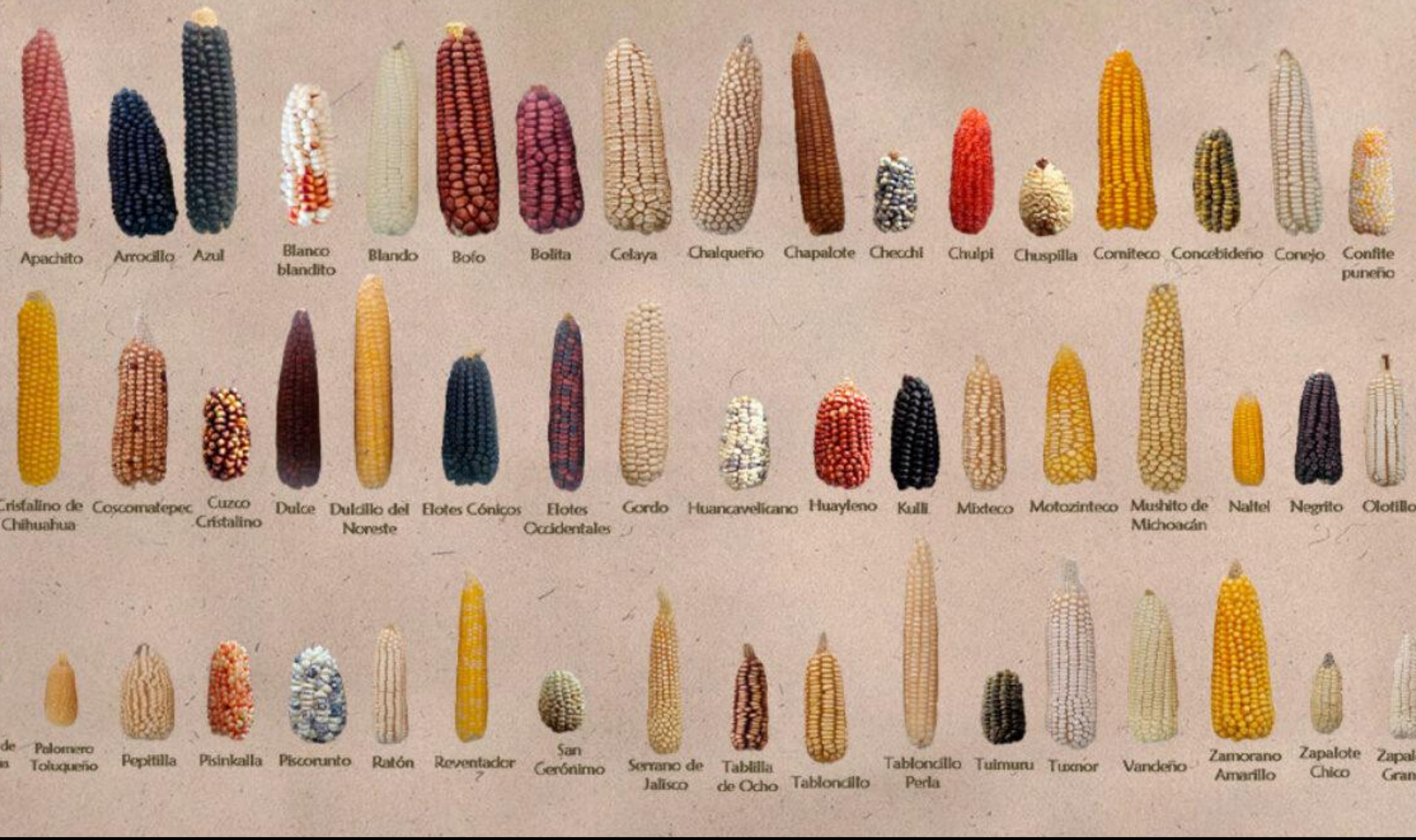
Todo trabalho é científico, mas algumas formas de trabalho são legitimadas como mais científicas. A colonialidade do conhecimento estabelece hierarquias entre as pessoas através de dicotomias.

trabalho científico	*trabalho técnico*
trabalho intelectual	*trabalho manual*
ciência pura	*ciência aplicada*
ciência desenvolvida	*ciência subdesenvolvida*
teoria	*prática*

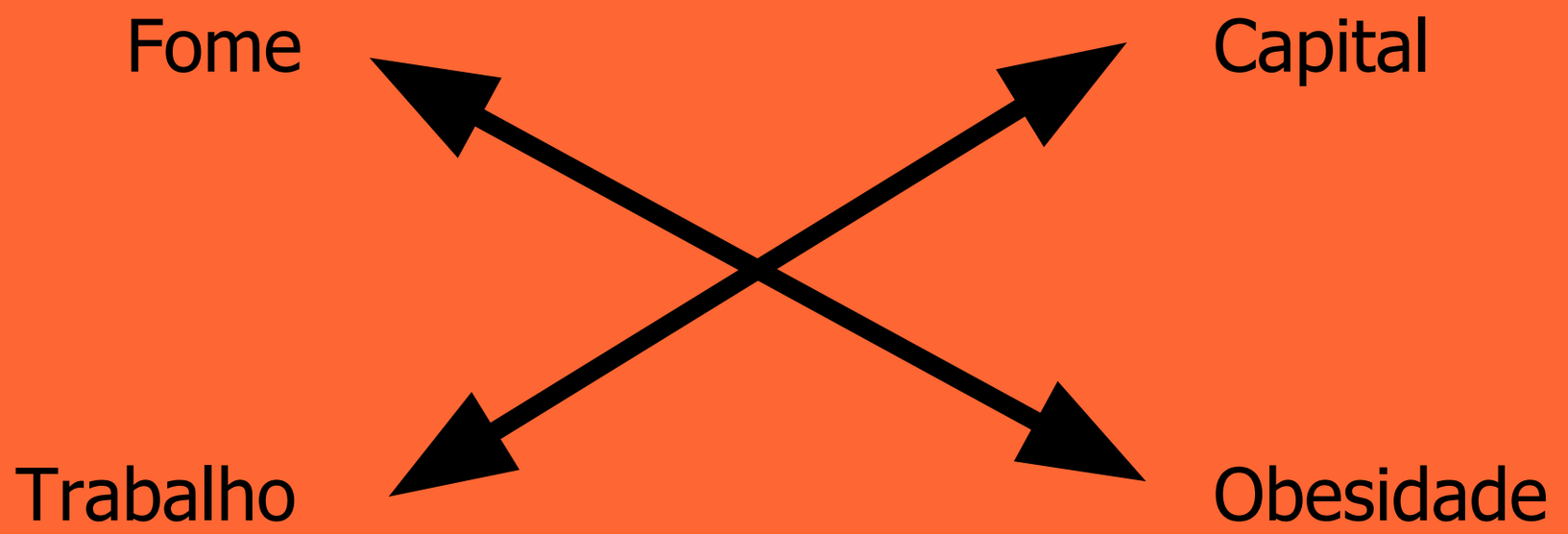
Para superar essas dicotomias, Vieira Pinto recomenda incluir a condição existencial do pesquisador como parte do problema de pesquisa e também como uma mediação metodológica.

Se reconhecermos que nossa condição é subdesenvolvida e que não podemos fazer a mesma ciência que as metrópoles coloniais, podemos então nos debruçar sobre os problemas de nossos povos.

A colonialidade do conhecimento nos leva a pensar que as soluções para nossos problemas estão sempre em outro lugar, em outro tempo, mas nunca aqui e agora.



Junto com as soluções estrangeiras vêm também os problemas estrangeiros. Habituamo-nos a resolver os problemas científicos de outros países e ignoramos as nossas próprias ciências.



Para descobrir o que é possível no aqui e agora, devemos entender as origens históricas de nossos problemas. Eu utilizo o conceito metodológico de contradição para capturar esta historicidade.

Minha tese de doutorado identificou uma prática expansiva de design que inclui contradições como fonte de mudança nas atividades e nos espaços que habitamos (Van Amstel, 2015).

MENINOS MIMADOS NÃO PODEM REJER A N

PATRIOTA
HAVAN
ESTATUA
DA
LIBERDAD
E e super-
homi NA
MESMA
IMAGEM

Desde que defendi minha tese na Holanda e retornei ao Brasil, tenho focado minha pesquisa na contradição da opressão. Eu me pergunto: como o design oprime e como ele liberta?

A contradição da opressão de acordo com Paulo Freire, Augusto Boal e Vieira Pinto

desumanização
subestimação
prescrição
negação

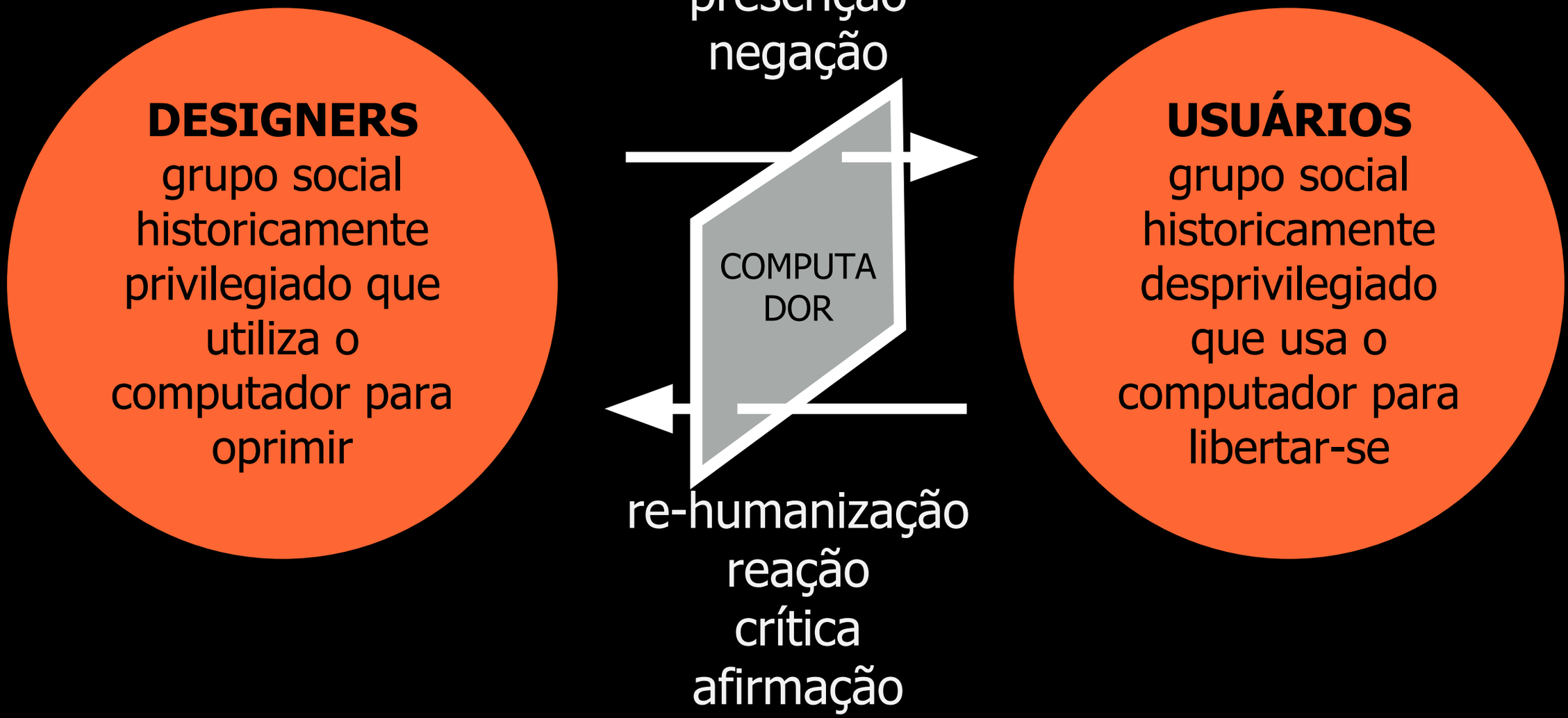
OPRESSORES
Grupos sociais historicamente privilegiados

interações estéticas

OPRIMIDOS
Grupos sociais historicamente desprivilegiados

re-humanização
reação
crítica
afirmação

A opressão dos usuários (Gonzatto & Van Amstel, 2022)



User oppression in human-computer interaction: a dialectical-existential perspective

Rodrigo Freese Gonzatto
Polytechnic School, PUCPR, Curitiba, Brazil, and
Frederick M.C. van Amstel
Industrial Design Academic Department (DADIN), UTFPR, Curitiba, Brazil

Abstract

Purpose – This research theorizes the condition of human beings reduced to being users (and only users) in human-computer interaction (HCI), a condition that favors them becoming objects or targets of commercial dark patterns, racialized profiling algorithms, generalized surveillance, gendered interfaces and heteromation.
Design/methodology/approach – The reconceptualization of the users' condition is done by confronting HCI theories on users with a dialectical-existential perspective over human ontology. The research is presented as a conceptual paper that includes analyzing and revising those theories to develop a conceptual framework for the user oppression in HCI.
Findings – Most HCI theories contribute to the user oppression with explicit or implicit ontological statements that denies their becoming-more or the possibility of users developing their handiness to the full human potential. Put together, these statements constitute an ideology called userism.
Social implications – HCI needs to acknowledge its role in structuring oppression not just in sexism, racism, classism and ableism, but also the specific relation that pertains to HCI: userism. Similar to other fields, acknowledging oppression is the first step toward liberating from oppression.
Originality/value – The user is an existential condition for HCI theories, yet few theories can explain in depth how this condition affects human development. From the dialectical-existential perspective, the user condition can be dehumanizing. Computers may intensify existing oppressions through esthetic interactions but these

Projetos de pesquisa em design geralmente incluem experimentos artísticos na criação de situações.

A seguir, apresentarei os experimentos que venho realizando na minha pesquisa.

1. Primeiro experimento:

ver-se como uma pessoa oprimida.

Teatro-Fórum sobre a precariedade do trabalho do designer para alunos da USP (2020).

2. Segundo experimento: ver-se como uma pessoa opressora.

tiras na cabeça

tem que ser **todo mundo junto**! Eu quero dividir as **dores e as alegrias**

desejos

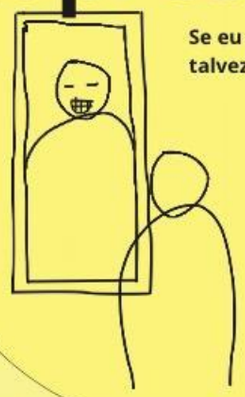
Todos seus sonhos vão virar um **pesadelo**

desejos

opressão

Eu sou um **moleque feliz e bananão**

eu só queria **ser feliz**!



Se eu não sei quem é o opressor, talvez eu seja ele.

Eu quero segurança. **minha base sólid** aqui é meu lugar conforto.

Eu quero ter certezas e não só dúvidas.

Guest Thinker

Eu sou um dementador **e sugo toda sua fé e esperança**

Eu quero **tacar fogo** em tudo!

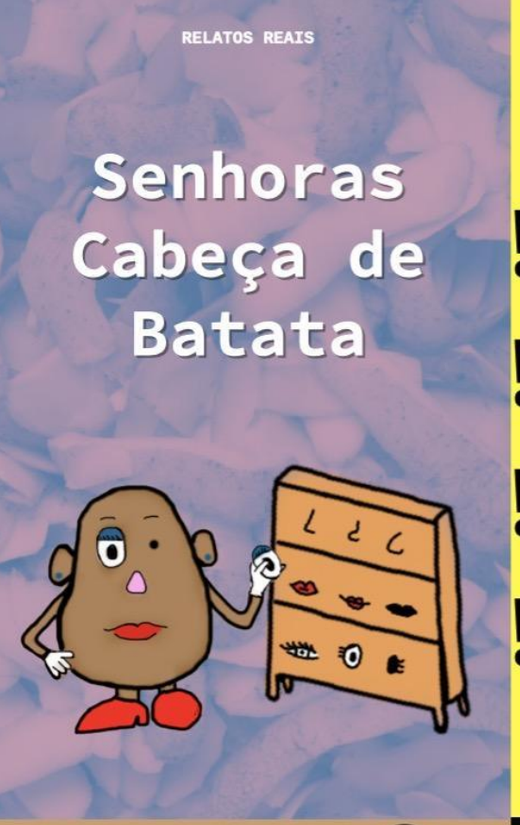
Se eu ceder, eu não vou conseguir a **transformação radical.**

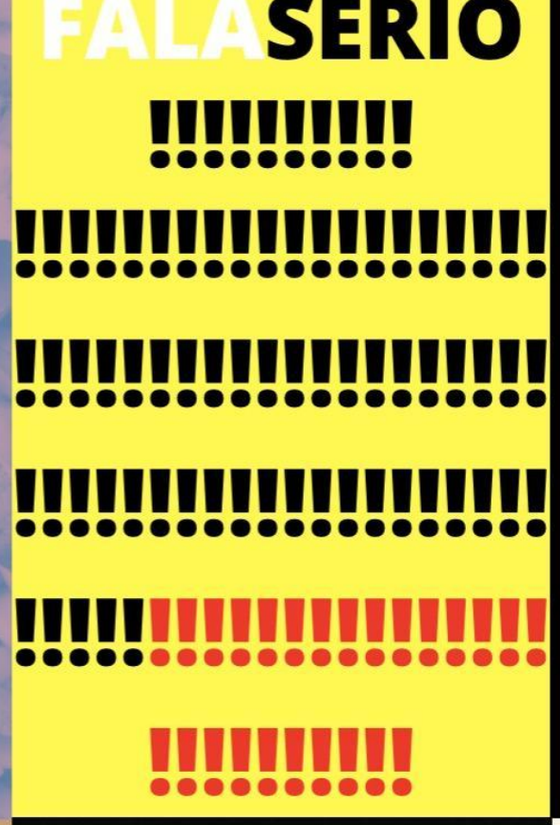
Eu reverto tudo ao meu favor, **o capitalismo**

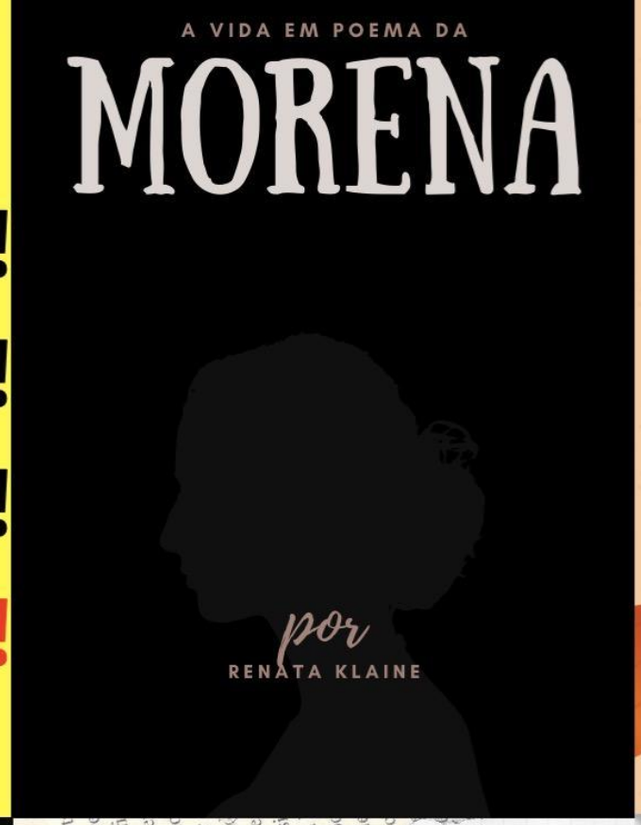
Guest Drafter

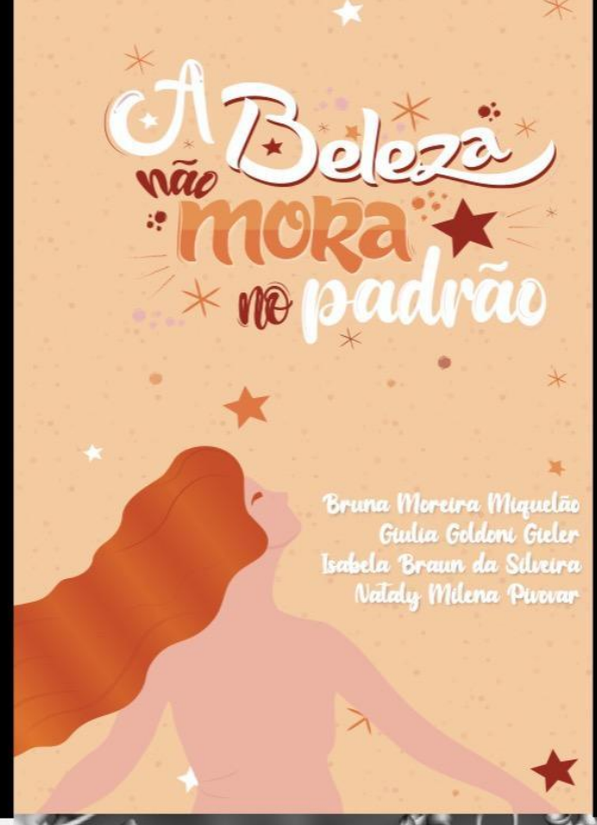
Oficina Arco-Íris do Desejo para examinar os opressores (os tiras) que estão em nossas cabeças (2021).

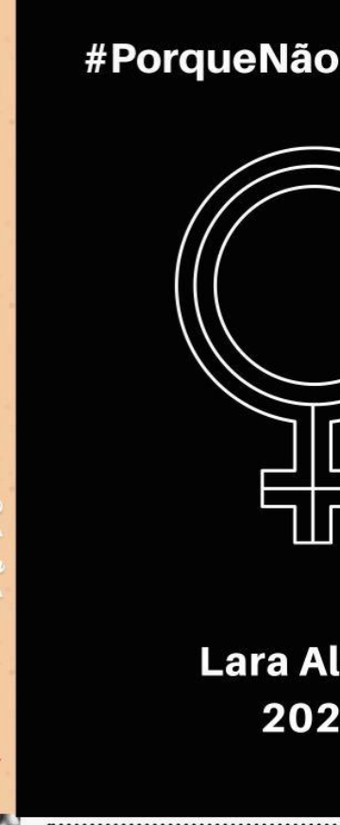
3. Terceiro experimento:
subverter seus privilégios e
compartilhá-los com as lutas
de libertação.

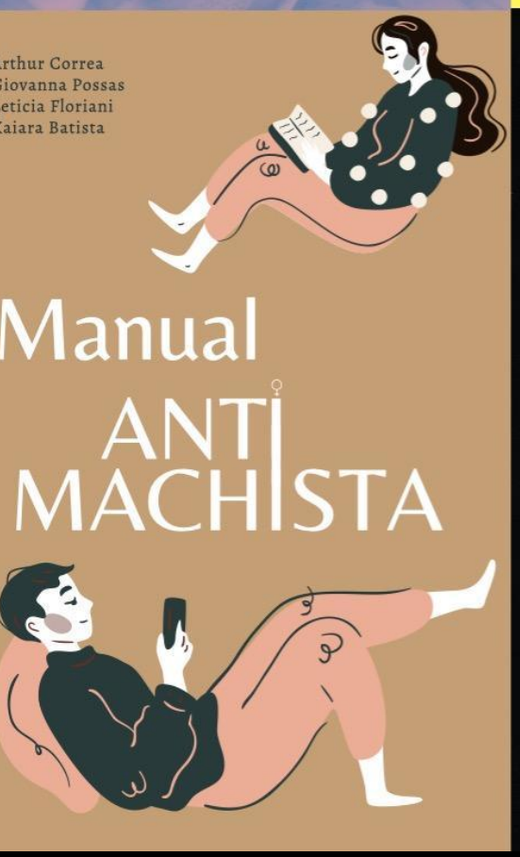


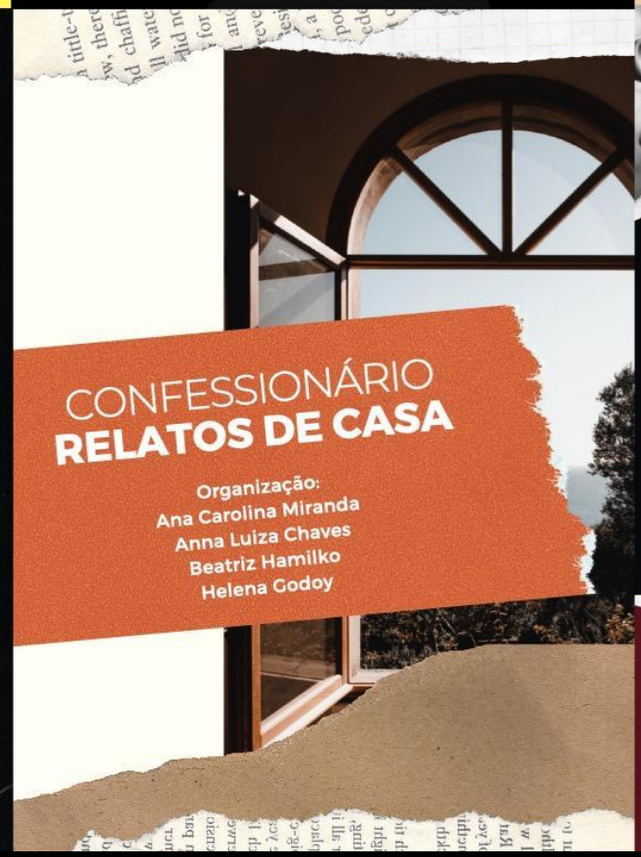


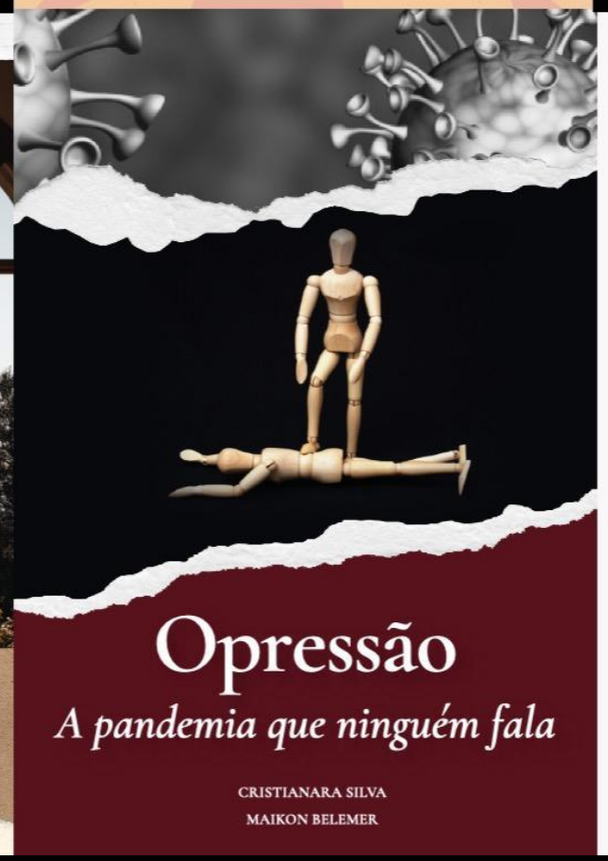












Livros com histórias concretas de opressão escritas e projetadas por estudantes da UTFPR (Editoração em Com. Org.).

3. Quarto experimento: reconhecer que a nossa liberdade depende da liberdade dos grupos sociais a que pertencemos.

Quem é você?

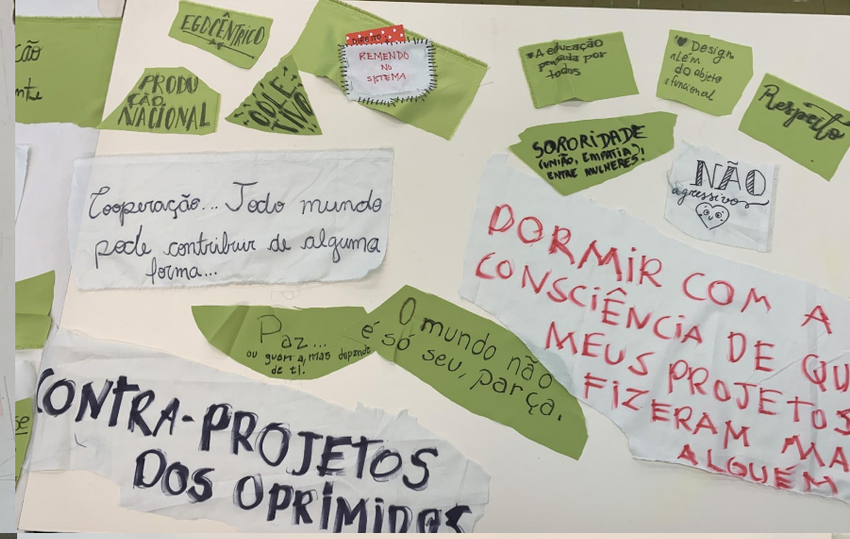
Quem você quer ser depois do seu TCC?

O que te impede de chegar lá?

O que está impedindo pessoas como você de chegar lá?

Usando o baralho B.AKKA para questionar as condições existenciais de nossos novos pesquisadores em design.

4. Quinto experimento: despertar a consciência social do corpo coletivo com o design participativo.



Os alunos da UTFPR escreverão um manifesto vestível sobre a responsabilidade política do design em 2019.

Manifesto

D3S!GN disSENSO

Versão 1.0 - Primeiro experimento democrático agonista

Afinal **o que é o D.si g.n?**

Simplesmente Design não é nada mais do que o

nada nada **nada** **dada**

- Pelo fim do descaso ao projetista
- Por mais estudo e trabalho coletivo
- Pela transformação como indivíduo e sociedade
- Pelo Design para pessoas e todos os outros seres vivos
- Pelo Design além da estética e do famoso "minimalismo"
- Pelo Design que move sociedades

DESIGNERS UNI-VNOS!

DESIGNERS uni-vos?

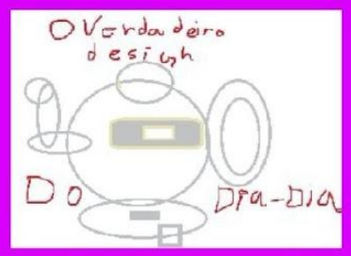
Designers, assumir-nos!

Se somos o que comemos....

empresário, designer nenhum.

É TUDO IDEOLOGIA.
É TUDO IDEOLOGIA.
É TUDO IDEOLOGIA.

Caia na real: você não precisa se formar em uma instituição para ser um Designer. Todos são estudantes de design. Alguns só têm mais DPs acumuladas que outros...



Você precisa mais de conhecimento e experiência do que status social e pedaços de papel carimbados pelas Universidades.

Enquanto estudantes, o design deve ser praticado fora da sala de aula.

Estudantes de design, vocês já sabem o que responder quando seus pais, tios e outros familiares perguntam o que é design?

Conheça Design além da faculdade, logos e regras do século passado! Há um campo extremamente amplo para a prática de Design, desde Design convencional (branding e projetos de móveis, por exemplo) até Design de experiências, de inovação social, Design de sobrancelhas, cake Design e até mesmo, pasmem, cupcake Design.

Sejamos o Design que pisa na lama, que constrói casa de madeira reaproveitada, Design da placa de papelão da favela e do rolo de papel higiênico e barbante que virou brinquedo de gato. Design de cachorro vira-lata e Design de gente. Queremos ser o anti-deusigner.

O Deusigner deveria apoiar o meio ambiente, a nossa sociedade e, principalmente, as necessidades dos oprimidos, em vez de ser usado para atrair "usuários" com propagandas enganosas e gerar mais desigualdade.

Porque os oprimidos não devem lutar sozinhos e nós, Designers, temos ferramentas para ajudá-los a serem ouvidos. Somos um meio de ligação entre aqueles que precisam ser ouvidos e aqueles que precisam ouvir, somos o espaço em que as pessoas podem se permitir falar.

Mas, para isso, precisamos estar dispostos a abrir mãos das nossas crenças e das nossas verdades absolutas para que, de fato, ouçamos o outro. Temos que ouvir mais do que falar e *pesquijetar* mais do que só

Nós somos contra o design usado apenas como sinônimo de estética colonial moderna. A favor do design não somente como sinônimo de funcionalidade e acessibilidade.

REPROJETE-SE A CONSTITUIÇÃO E TODAS AS SUPERESTRUTURAS QUE NOS GOVERNAM! VAMOS CRIAR NOSSAS PRÓPRIAS REGRAS!

FOGO NESTE GOVERNO FASCISTINHA!

(◉•□•◉)❤

Essa é a nossa lista de balas:

O problema é que historicamente, os colonizadores já tentaram moldar as pessoas, mas não deu totalmente certo, senão não existiria esse manifesto. Devemos nos unir e nos tornar colonizadores de quem nos governa? Simplesmente nos revoltar não é o bastante, mas é o começo.

Somos ainda camponeses em um

FEUDALISMO MODERNIZADO:

Acordamos em imensas muralhas invisíveis, governadas por famílias imperiais que detém todas as possíveis formas de poder em nosso país e mundo.

Devemos

Na versão digital do manifesto, quebraram quase todas as regras do design que conheciam para se conscientizar da opressão do usuário.

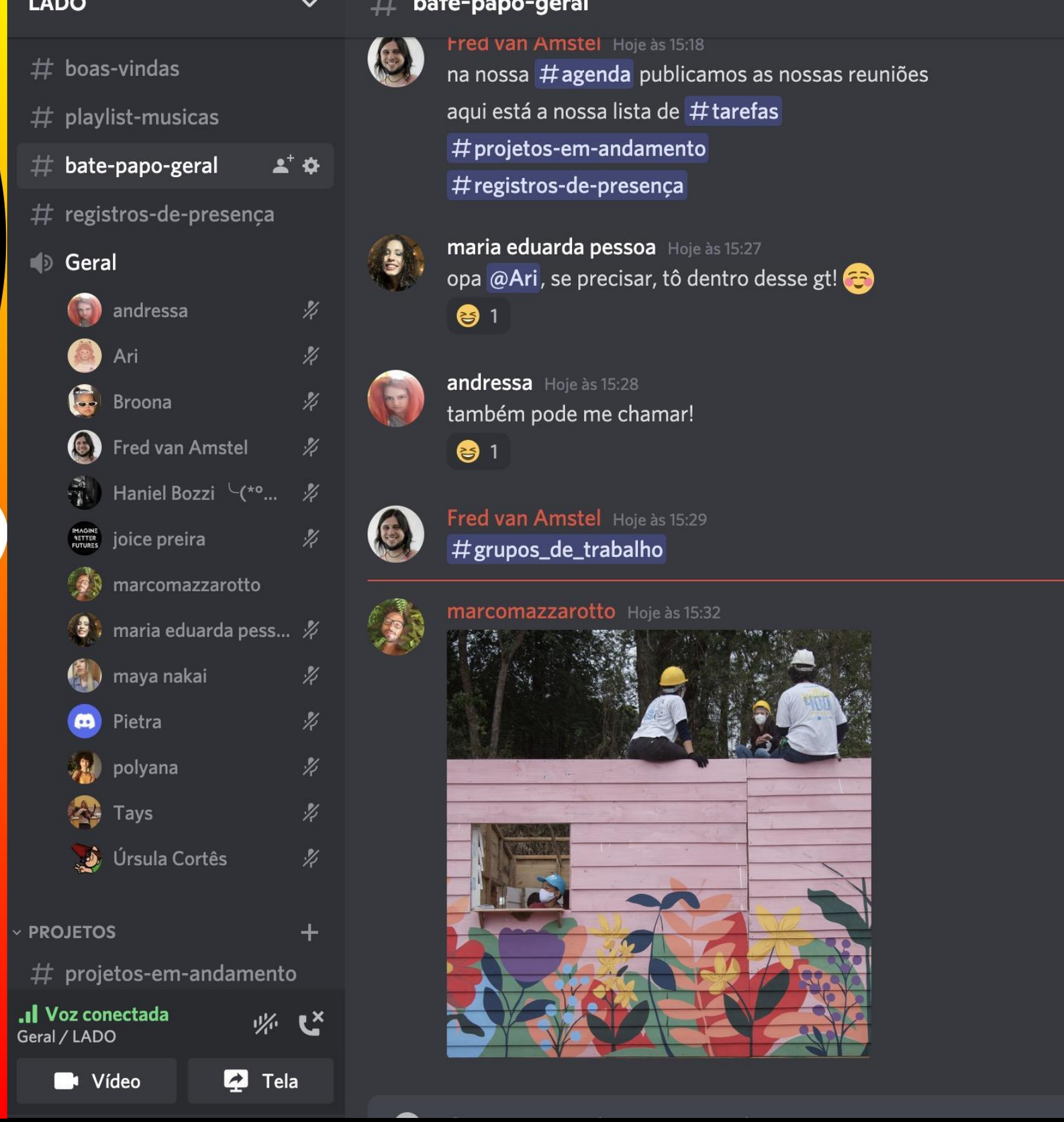
NA LUTA CONTRA A

OPRESSÃO

DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ

O Laboratório de Design contra Opressões (LADO) procura estudante da UTFPR para ser bolsista de extensão em 2021-2022.

Link na bio ou https://bit.ly/bolsa-na-LADO



Movimento iniciado pelo manifesto deu origem em 2021 ao Laboratório de Design contra Opressões (LADO).

Os projetos de pesquisa do LADO são desenvolvidos em rede, a partir de relações concretas entre muitas pessoas e grupos.

Segundo Vieira Pinto, pesquisadores podem negar suas origens e servir a outros corpos coletivos, mas essa não é a atitude moral mais consistente.

Na condição de subdesenvolvimento, pesquisadores devem se identificar com o povo e com o povo criar projetos de pesquisa libertadores.

Assim, seu trabalho científico contribuirá para um país mais consciente de suas ciências, de suas culturas e de seus mundos, enfim, de quem somos enquanto uma nação pluriversal.

Obrigado!

Frederick van Amstel @usabilidoido
Design de Serviços e Design de Experiências
DADIN - UTFPR, Brasil
www.usabilidoido.com.br